



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA**  
**JIANES MERIS HENZEL DE PAULA**

**A IMPORTÂNCIA DA PSICOLOGIA NA ESCOLA**

**BAGÉ**  
**2017**

**JIANES MERIS HENZEL DE PAULA**

**A IMPORTÂNCIA DA PSICOLOGIA NA ESCOLA**

Monografia de Conclusão do  
Curso de Pós-Graduação  
Especialização em Educação e  
Diversidade Cultural da  
Universidade Federal do Pampa.

Orientadora: Prof. Dra. Gilnara da  
Costa Corrêa Oliveira

**BAGÉ**  
**2017**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo (a) autor (a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

P324i Paula, Jiances Meris Henzel

A IMPORTÂNCIA DA PSICOLOGIA NA ESCOLA / Jiances Meris Henzel  
Paula.

48 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização)--Universidade Federal do Pampa, ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE CULTURAL, 2017.

"Orientação: Gilnara da Costa Corrêa Oliveira".

1. Psicologia Escolar. 2. Psicologia na escola. I. Título.

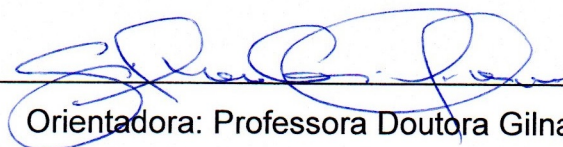
**JIANES MERIS HENZEL DE PAULA**

**A IMPORTÂNCIA DA PSICOLOGIA NA ESCOLA**

Monografia de Conclusão do  
Curso de Pós-Graduação  
Especialização em Educação e  
Diversidade Cultural da  
Universidade Federal do Pampa.  
Área de Concentração: Educação

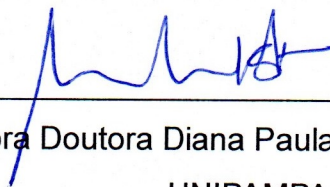
Monografia apresentada em 04 / 07 / 2017.

Banca Examinadora:



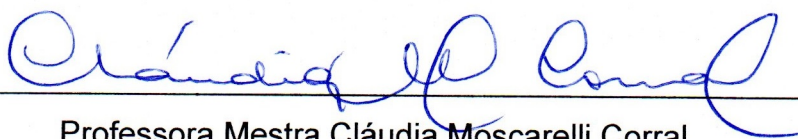
---

Orientadora: Professora Doutora Gilnara da Costa Corrêa Oliveira  
Orientadora - UNIPAMPA



---

Professora Doutora Diana Paula Salomão de Freitas  
UNIPAMPA



---

Professora Mestra Cláudia Moscarelli Corral

UERGS

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço com especial carinho e reconhecimento as pessoas que participaram desta pesquisa.

À minha orientadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Gilnara Corrêa Oliveira que com dedicação e paciência soube me conduzir quando eu já não tinha mais ânimo para continuar.

Aos meus filhos amados Júnior e Carolina, que me incentivaram durante todo o curso.

Ao meu companheiro de vida Luis Rosa, que esteve o tempo todo a meu lado ajudando no desenvolvimento deste TCC.

E muito especialmente as amigas da Panela da Especialização, Anelise dos Anjos, Caroline Hosel Porto, Débora Tatiana Motta e Roberta Mércio, que muito me apoiaram nos momentos mais cansativos, que me animaram a não desistir, pelos encontros maravilhosos, pelas conversas animadas, pelo carinho que despertam sempre. GRATIDÃO!

Educadores, onde estarão? Em que covas terão se escondido? Professores, há aos milhares. Mas professor é profissão, não é algo que se define por dentro, por amor. Educador, ao contrário, não é profissão; é vocação. E toda vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança.

**Rubem Alves - 1980**

## RESUMO

O presente trabalho teve por objetivo verificar a importância dada a presença de psicólogos na rede pública de ensino, tendo como campo de pesquisa, escolas de ensino fundamental e médio, nas cidades de Bagé, Candiota e Hulha Negra, que não contam com este profissional em seu quadro funcional. Teve seu embasamento teórico em expoentes da Educação, Filosofia e Psicologia. A motivação e justificativa para esta pesquisa surgiu nos diálogos francos e diretos, seguidamente ocorridos com professores e diretores de escolas que nos buscam para orientá-los quanto ao procedimento diante de situações difíceis que encontram com seus alunos no ambiente escolar. Esta é uma pesquisa fenomenológica qualitativa, da qual participaram educadores, educandos e mães de educandos, que foram consultadas por meio de entrevistas individuais. Após a coleta de dados, realizada a análise de conteúdo elencou-se as seguintes categorias: O fazer do profissional de psicologia; Importância do profissional da psicologia na escola e Psicologia Clínica x Psicologia Escolar, assim alcançou-se a conclusão, tendo como resultado a confirmação da importância que a comunidade escolar dá a presença da Psicologia dentro da escola. No entanto, durante este estudo se observou que por parte da amostra pesquisada, não se tem um entendimento claro sobre o que pode realizar um profissional da psicologia no contexto escolar, a visão geral apresentada é do atendimento clínico-psicológico acontecendo na escola, visão essa totalmente contrária ao que pretende a Psicologia Escolar.

Palavras chaves: Psicologia Escolar, Rede Pública de Ensino, Psicologia na escola.

## **ABSTRACT**

The objective of this study was to verify the importance given to the presence of psychologists in the public school system, having as a field of research, primary and secondary schools, in the cities of Bagé, Candiota and Hulha Negra, which do not have this professional in its functional framework. It had its theoretical foundation in exponents of Education, Philosophy and Psychology. The motivation and justification for this research emerged in frank and direct dialogues, followed by teachers and school principals who seek us to guide them about the procedure in the face of difficult situations that they encounter with their students in the school environment. This is a qualitative phenomenological research, involving educators, students and mothers of students who were consulted through individual interviews. After the data collection, the content analysis was carried out the following categories: The psychology professional's doing; Importance of the professional of psychology in school and Clinical Psychology x School Psychology, thus reached the conclusion, resulting in confirmation of the importance that the school community gives the presence of Psychology within the school. However, during this study it was observed that on the part of the sample surveyed, there is no clear understanding of what a psychology professional can do in the school context, the general view presented is of the clinical-psychological care taking place in the school, totally contrary to what the Psychology School intends.

Key words: School Psychology, Public Education Network, Psychology at school.



## LISTA DE FIGURAS

1. Figura 1 – Relação geral de urgências .....37
2. Figura 2: Relação geral de urgências por região do país.....38

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>15</b>
<b>2.1 A escola, como legítimo espaço de educação formal.....</b>	<b>15</b>
<b>2.2 Psicologia, para que?.....</b>	<b>20</b>
<b>2.3 Psicologia Escolar, o que é isso?.....</b>	<b>25</b>
<b>3. A IMPORTÂNCIA DA PSICOLOGIA NA ESCOLA.....</b>	<b>32</b>
<b>3.1 O fazer do profissional de psicologia.....</b>	<b>33</b>
<b>3.2 Importância do profissional de psicologia na escola.....</b>	<b>34</b>
<b>3.3 Psicologia Clínica x Psicologia Escolar.....</b>	<b>40</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>44</b>
<b>APÊNDICE A - QUESTÕES PARA ENTREVISTA.....</b>	<b>47</b>
<b>APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO.....</b>	<b>48</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Os fundamentos que sustentam este estudo foram se estruturando ao longo de seu desenvolvimento, iniciou-se por uma pesquisa teórica sobre Psicologia Escolar e da Educação, aliando-se ao levantamento *in loco*, com amostras da comunidade escolar de três municípios da Região da Campanha/RS, quando se pôde encontrar o entendimento sobre “A importância da Psicologia na Escola”.

A Psicologia enquanto área de atenção à saúde, a cada dia ganha mais reconhecimento e se populariza, entretanto, mais pela busca de soluções para os problemas psicoafetivos já instalados e agravados, e menos numa ação preventiva para promover a saúde integral. Ainda assim a mudança da visão popular em relação a Psicologia vem evoluindo, o conhecimento científico que esta dispõe é colocado a serviço da comunidade em todos os seus ambientes, na Educação e na Escola em especial.

Com o passar do tempo a sociedade se transforma, as concepções da educação se alteram sofrendo influências ideológicas do momento histórico. A escola, onde as pessoas são preparadas pela educação formal, tem se deparado, na sua evolução, com inúmeros desafios que requerem a construção de um olhar para além do já fixados pelos profissionais da Educação, assim é nessa condição que a Psicologia entra no ambiente escolar, possibilitando diálogos e articulações, interdisciplinarmente, com todas as pessoas que fazem parte da Educação.

Conforme divulgado pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP), desde o ano de 2000, tramita no Congresso Nacional o Projeto de Lei 3688/2000 que tratava inicialmente da introdução de assistente social no quadro de profissionais de educação em cada escola, e posteriormente foi alterado, acrescentando o profissional da psicologia, formando equipes multidisciplinares nas escolas de Educação Básica. Este Projeto de Lei vem tramitando na Câmara, entre 2000 e 2007 foi aprovado e encaminhado para o Senado, lá tramitou entre 2007 e 2009, sendo também aprovado mas com emendas e ali estacionou. O projeto retornou em 2010 para a Câmara, foi aprovado nas comissões correspondentes entre 2010 e 2015, porém ainda não foi aprovado em Plenária e estacionou novamente, possivelmente em função da atual situação política caótica em que o país está

imerso (CFP, 2016). Independente dos interesses políticos partidários, este projeto de lei se plenamente aprovado, sancionado e colocado em prática representará um grande avanço para o desenvolvimento da Educação Pública no Brasil. Acredita-se que o impeditivo a plena e imediata aprovação deste projeto de lei perpassa os interesses econômicos de vários segmentos políticos, em especial, o dos gestores municipais e estaduais, visto que estes enxergam apenas os gastos financeiros implicados e não são capazes de valorizar o ganho na qualidade de trabalho das escolas (CFP, 2016).

Mas e as pessoas diretamente envolvidas nesta questão, a comunidade escolar, o que pensa sobre a Psicologia na escola? Diante deste questionamento este trabalho teve por objetivo geral conhecer o pensamento da comunidade escolar pesquisada, daquelas pessoas realmente envolvidas com o tema, avaliando se sentem necessidade da Psicologia dentro da escola, além de contribuir para a conscientização sobre as ações pertinentes a Psicologia Escolar, mais especificamente buscou-se conhecer a visão dos educadores, educandos e pais em relação ao trabalho esperado da psicóloga/o na escola.

Pesquisas semelhantes já têm sido feitas, três são muito pertinentes e as utilizamos como referencial neste estudo, por serem realizadas por entidades notoriamente reconhecidas no contexto nacional, duas pelo Conselho Federal de Psicologia publicadas em 2013 e 2016 específicas sobre Psicologia Escolar e terceira pela Fundação Leman.

A primeira deu origem ao livro “Referências Técnicas para a Atuação de Psicólogas(os) na Educação Básica” que trata dos princípios éticos e políticos norteadores do trabalho das(os) psicólogas(os), construídos e legitimados pela participação crítica e reflexiva da categoria no campo da Educação, esta publicação destaca o movimento de aproximação da Psicologia com o campo das Políticas Públicas, abordando sistematicamente o cenário delicado e multifacetado da Educação Básica no contexto da defesa e dos direitos humanos na Escola. A segunda transformou-se no livro “Psicologia escolar: que fazer é este?” que aborda temas pertinente à prática da psicologia dentro do ambiente escolar, apresentando estudos teóricos voltados para o campo da Psicologia na Educação, questões relacionadas à educação inclusiva e a experiências profissionais no cotidiano

escolar. A terceira é da Fundação Lemann que em 2014 e 2015 realizou pesquisas para saber o que pensam os professores de todo o Brasil sobre temas relacionados à profissão e ao contexto educacional brasileiro, publicadas com o título “Conselho de Classe – A visão dos professores sobre a Educação no Brasil”. Mostrou-se que o acompanhamento psicológico foi a necessidade mais apontada, os resultados mostram esta prioridade como a da maioria dos professores de todas as etapas de ensino, em todas as regiões do Brasil.

A motivação e justificativa para esta pesquisa surgiu nos diálogos francos e diretos, seguidamente ocorridos com professores e diretores de escolas que nos buscam para orientá-los quanto ao procedimento diante de situações difíceis que encontram com seus alunos na escola, tais como: evidências de abuso sexual, de violência doméstica, negligência dos pais, agressividade, dificuldade de aprendizagem entre outros. Além disto, enquanto psicóloga, atendendo clinicamente nas cidades de Candiota e Hulha Negra tenho recebido várias demandas encaminhadas pelas escolas públicas dessas localidades, bem como de pais que por si mesmos buscam ajuda profissional para seus filhos com problemas que se apresentam na escola, assim como a educadores que adoecidos em função do estresse do dia a dia acabam em grande sofrimento psíquico, muitos em depressão grave.

Faz parte da construção do diagnóstico procurar as escolas, observar o comportamento de estudantes, educadores, gestores e o próprio ambiente escolar onde interage a pessoa em atendimento, bem como dialogar com todas as partes envolvidas na situação. Nestes diálogos se tem salientado o quanto o trabalho da Psicologia é necessário, em virtude das várias situações conflitantes que ocorrem diariamente na escola, pois se enxerga a psicóloga(o) como agente de intermediação e orientação na condução desses conflitos.

O trabalho psicoterapêutico clínico, foca especificamente na pessoa atendida, contextualizando sua situação familiar, além da escolar, suas vivências sociais, culturais, tudo que lhe diz respeito enquanto pessoa, já o trabalho da Psicologia Escolar é bem mais amplo, pois, visa a Educação, educandos e educadores de uma forma abrangente e coletiva, porém dando a devida atenção a cada caso específico, pois no seu exercício o profissional deve agregar valores e atuar como agente de

construção do saber, fomentador de reflexões sobre as práticas pedagógicas e psicopedagógicas conseqüentemente.

Ainda assim as pesquisas realizadas pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) demonstram que na área da Psicologia Escolar e Educacional se tem encontrado dificuldades apontadas por psicólogos e psicólogas que atuam no campo da Educação, principalmente no que se refere a compreensão da comunidade escolar sobre o papel da Psicologia neste campo. Esta questão fica evidenciada nas demandas escolares apresentadas pelos educadores, com a centralidade nos alunos, como se estes fossem a única fonte de desarmonia escolar, e apresentando uma expectativa de intervenção voltada para o psicodiagnóstico ou atendimento individualizado ao estudante, cabendo unicamente a Psicologia resolver tal situação. Já na visão da psicologia aplicada, segundo a literatura pertinente, se entende que o modelo clínico não cabe no contexto educacional e aborda a importância de avaliar as demandas com uma visão sistêmica, associando reflexões sobre novos modelos de intervenção.

Assim o presente estudo buscou subsídios, além do conteúdo que compôs o referencial teórico, no que pensam sobre este tema a comunidade escolar pertinente, tomando como campo de pesquisas escolas públicas de ensino fundamental e médio, das cidades de Candiota, Hulha Negra que não possuem o trabalho da Psicologia dentro de seu quadro técnico.

Para haver um contra ponto foram ouvidas mães de estudantes da rede privada de Bagé, de escolas onde existem profissionais de psicologia atuando, assim percebendo a importância da Psicologia na escola por parte daqueles que conhecem este trabalho.

Na metodologia de pesquisa considerou-se que o tema investigado envolve a subjetividade do entendimento de cada pessoa que dela participou, desse modo entendeu-se que o método fenomenológico qualitativo seria o que mais se prestaria ao objetivo pretendido, considerando que neste tipo de pesquisa preocupa-se em mostrar e esclarecer o que é apresentado como sendo do sujeito da pesquisa, não se prendendo a valores pré estabelecidos ou baseando-se em princípios específicos (GIL, 2008). Ainda como enfatiza MINAYO (2001) a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares do contexto pesquisado, visto que considera os

significados, a compreensão dada, numa condição que não pode ser medida quantitativamente, pois valores, crenças, atitudes, aquilo que corresponde a um espaço mais profundo das relações, de processos e de fenômenos não alcançam ser reduzidos a uma operacionalização numérica de suas variáveis.

Esta pesquisa utilizou como técnica de coleta de dados entrevistas semiestruturadas, que foram posteriormente transcritas e analisadas uma a uma em seu conteúdo. Da análise e interpretação do conteúdo manifesto em cada fala, obtivemos o entendimento claro do pensamento dos participantes. Para melhor aproveitamento da análise do material obtido distinguimos as seguintes categorias: O fazer do profissional de psicologia, Importância do profissional da psicologia na escola e Psicologia Clínica x Psicologia Escolar.

O desenvolvimento deste trabalho num primeiro momento apresenta a Escola, como legítimo espaço de educação formal, onde buscamos dar uma visão da instituição escolar, seus saberes e fazeres, os complexos problemas do seu cotidiano, onde a Psicologia pode envolver-se. Por segundo apresentamos a Psicologia enquanto ciência da natureza humana, onde colocamos a visão da psicologia sobre educação, os conhecimentos e experiências de psicólogos renomados que desenvolveram estudos e práticas neste campo do saber, tais como Vygotsky, um verdadeiro gênio da Educação. Num terceiro momento se discorre especificamente sobre Psicologia Escolar, seus objetivos e práticas. Em seguida apresentamos a Pesquisa propriamente, onde se expõem os pensamentos das pessoas participantes, relacionando os dados levantados por outras pesquisas na área da Educação e aos saberes da Psicologia Escolar.

Ao final apresentamos o resultado obtido que veio confirmar o imenso interesse e importância que a comunidade escolar atribui a presença da Psicologia dentro da escola. No entanto, durante este estudo se observou também que não há um entendimento claro sobre o que cabe ao profissional da psicologia no contexto escolar, a visão geral apresentada é do atendimento clínico-psicológico acontecendo na escola, visão essa totalmente contrária ao que pretende a Psicologia Escolar.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar/aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade.

(PAULO FREIRE - 1996)

### 2.1 A escola, como legítimo espaço de educação formal.

A escola, na legitimidade de executar a educação formal, tem ao longo da história experimentado inúmeros desafios e transformações, mas seu referencial mais forte ainda é o de formar pessoas dentro de normas e diretrizes pedagógicas, conforme o entendimento sociopolítico dominante. Desde os primórdios da educação a instituição escolar foi claramente um instrumento de controle e disciplina de corpos e mentes, isso muito chamou a atenção de estudiosos como Michel Foucault, que enxergou nela uma ferramenta de dominação do estado constituído.

Seja, por exemplo, uma instituição escolar: sua organização espacial, o regulamento meticuloso que rege sua vida interior, as diferentes atividades aí organizadas, os diversos personagens que aí vivem e se encontram, cada um com uma função, um lugar, um rosto bem definido - tudo isto constitui um "bloco" de capacidade-comunicação-poder. A atividade que assegura o aprendizado e a aquisição de aptidões ou de tipos de comportamento aí se desenvolve através de todo um conjunto de comunicações reguladas (lições, questões e respostas, ordens, exortações, signos codificados de obediência, marcas diferenciais do "valor" de cada um e dos níveis de saber) e através de toda uma série de procedimentos de poder (enclausuramento, vigilância, recompensa e punição, hierarquia piramidal). (FOUCAULT, 1995, p. 241).

Mas para além de Foucault, existem outros tantos estudiosos da Educação, e nisto o Brasil é riquíssimo. Assim temos a visão lucida e crítica de Paulo Freire, que percebe o valor de quem ensina consciente de quanto o que ensina pode mudar a vida de quem aprende, desenvolvendo nos que ensinam um senso crítico e autocrítico sobre a forma de ensinar.

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres "vazios" a quem o mundo "encha" de conteúdos; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas



nos homens como “corpos conscientes” e na consciência como consciência intencionada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo. (FREIRE, 1999 p. 38)

Este valioso brasileiro, soube viver sua ideologia na prática, soube ainda mais, repartir seus saberes, com amor, com respeito e força suficientes para modificar a educação no Brasil e em outros países que o estudam, para fazer muitas outras pessoas abraçarem sua causa de transformação pela educação. E hoje suas ideias norteiam nossa educação escolar. Com Paulo Freire os educadores passaram a enxergar o quanto de ideologia dominante havia no currículo oculto, por trás do currículo oficial, e assim começaram a dissolver o que ele denominou de “educação bancária” e distanciar as pedagogias progressistas das conservadoras e perceber melhor o controle subordinante da classe operante, em cada conteúdo, os educadores aprendem com ele a analisar politicamente tudo que é feito em Educação, inclusive, o que eles próprios realizam.

Outra grande pensadora da Educação, professora da Universidade do Rio Grande do Sul (UFRGS), Sandra Mara Corazza, que com positividade vem repartindo seu saber, fazendo pensar aquelas que farão pensar, da alfabetização ao ensino superior. Nos instiga quando diz sobre a educação atual:

As coisas, palavras, pensamentos, teorias, práticas educacionais não existem por si mesmas, não estão fixadas, não são eternas nem universais. Elas não são. Ou melhor: são à medida, e somente à medida, que se fazem, à medida que se revelam como um por-fazer, como um esforço de conquista e de reconquista dos percursos da Educação. (CORAZZA, 2009, p. 14)

Atualmente se percebe que a escola está bem mais amena em termos de rigor e submissão exigidos anteriormente, o domínio do autoritarismo hierárquico enfraqueceu muito, ao mesmo tempo, com isto a escola em seu quadro técnico foi sendo cada vez mais desvalorizada. Percebe-se isso pela falta de autoridade dos professores e dirigentes escolares, o conflito entre estudantes e educadores é visível e cada vez mais difícil, sendo para os professores um incômodo bem mais que os baixos salários, as muitas horas de dedicação à profissão ou outras reivindicações da categoria. Da parte dos alunos, que em tempos passados não tinham coragem de levantar a cabeça enquanto eram severamente e até humilhanamente repreendidos por seus educadores, atualmente não enxergam nenhuma autoridade

nestes, ao contrário os intimidam e cobram deles coisas como “educação” no trato entre ambos. Mas isto também está em mutação, os educadores, a Educação, não suportam mais um lugar subalterno:

Assim foi e, após várias décadas, o mundo tornou-se crítico de si mesmo. Os educadores, a sociedade e o Ocidente viram que era hora de avaliar o que tinham recebido da tradição e os efeitos do que eles mesmos tinham ajudado a criar. (CORAZZA, 2009, p. 14)

Analisando a escola como um contexto socioeducativo se enxerga que é nela que mais facilmente se evidenciam desde a infância a natureza humana de cada pessoa, visto que é na escola que longe da família, do controle ou permissividade dos pais a criança apresenta naturalmente suas características psicológicas, cognitivas, afetivas. Com a professora e com os colegas a criança e o jovem manifestam espontaneamente sua afetividade positiva ou negativa, suas características superiores, suas desarmonias comportamentais, diferenças sociais, deficit cognitivos e afetivos que podem levar a dificuldades de aprendizagem, resultantes de falta de estímulos saudáveis.

Mas não só os alunos apresentam problemas, muitos educadores também não conseguem reprimir seus impulsos e fragilidades psicoafetivas, gerando conflitos entre colegas de profissão, gestores e pais, mas ainda mais, com seu foco de atenção, seus educandos.

Na escola também novas manifestações sociais e culturais se manifestam em ebulição, afinal “como educar, num tempo de Tecnocosmos, de Ciberespaço, de Informatização galopante, de Cultura Googleana, de Bioética, de Biodiversidade, de Células Tronco?” (CORAZZA, 2009, p. 13), e o ambiente escolar é de fato onde os conflitos da diversidade tem oportunidade de se manifestar com mais clareza, o bullying de todo tipo é prova disto.

Questões de gênero, de sexualidade, de raça, de diferentes culturas deveriam ser abordadas e tratadas com naturalidade nas escolas, porém a cultura imposta verticalmente pelo grupo ideológico dominante determina que mesmo constando em alguns currículos escolares, estes temas sejam omitidos ou mal abordados. É de imensa importância que se saliente a necessidade de compreender e assimilar as diferenças, que vão além das questões de sexo e gênero, pois como assinala

LOURO (1997) quando se levanta os conceitos padronizados de normalidade, por exemplo, se enxerga que aquele que não está na condição heteronormativa, sofre com os preconceitos e cobranças sociais.

Todos esses contextos têm dado margem as manifestações violentas dentro da escola, os noticiários seguidamente revelam todo tipo de agressão, até mesmo a morte acontecendo em sala de aula. Alias os últimos anos estão marcados por novas tensões culturais e pela necessidade extrema de aprimoramento de formas de lidar com a diversidade, no sentido mais abrangente do termo. Nesse cenário, a atuação significativa da psicóloga(o) na escolar deve incorporar os diferentes contextos nos quais estudantes e escola participam.

A escola ainda tem que se deparar com outro grande compromisso social, a Inclusão, que é uma discussão que vem se ampliando no contexto da educação e ganhando espaços em virtude das possibilidades em torno da diversidade humana. A inclusão, em sua dimensão educacional e social, coloca-se na atualidade como um novo paradigma, que contribui para ressignificações necessárias em relação às deficiências tanto intelectual quanto apenas físicas. Já se têm evidências significativas para sustentar que a inclusão no contexto educativo formal com métodos mais abrangentes de acesso a informações e experiências, em meio às diferentes atividades humanas que a escola favorece, levam a transformações nos modos de funcionamento psíquico da pessoa com necessidades especiais por deficiência física/mental ou por apresentar altas habilidades. Na própria UNIPAMPA/Bagé se tem essas experiências, visto se ter vários estudantes com necessidades especiais nos diversos cursos de graduação.

Ao mesmo tempo, é possível reconhecer que houve significativa ampliação de experiências em educação inclusiva, no Brasil, nas últimas décadas, não apenas em relação à educação básica. Número crescente de pessoas com deficiências, inclusive intelectual, chega aos níveis mais elevados de ensino e ao mundo do trabalho, criando assim novos nichos de reflexão e atuação para o psicólogo escolar. (CFP, 2016, p. 92)

De acordo com as disposições elencadas na Conferência de Salamanca (1994) e do MEC, a escola inclusiva tem como princípio norteador contemplar, a partir da reorganização do ambiente escolar, atendendo a todos indistintamente, seguindo este princípio:

[...] consiste em todos os alunos aprenderem juntos, sempre que possível, independentemente das dificuldades e das diferenças que apresentem... adaptando-se aos vários estilos e ritmos de aprendizagem, de modo a garantir um bom nível de educação para todos, através de currículos adequados, de uma boa organização escolar, de estratégias pedagógicas, da utilização de recursos e de uma cooperação com as respectivas comunidades (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994, p.11).

Diante disto cabe a escola tanto quanto aos profissionais da educação tornarem-se aptos ao processo inclusivo, é para isto que as políticas públicas devem convergir. No entanto, não é o que enxergamos nas escolas pesquisadas, justo por isto elas clamam pela orientação de um profissional capacitado da Psicologia.

Ainda um fato importante que se enxerga dentro das escolas é o quanto o processo de globalização e banalização da informação, assim como o uso indiscriminado das tecnologias de mídia tem afetado as relações escolares.

A “globalização” está na ordem do dia; uma palavra da moda que se transforma rapidamente em um lema, uma encantação mágica, uma senha capaz de abrir as portas de todos os mistérios presentes e futuros. Para alguns, “globalização” é o que devemos fazer se quisermos ser felizes; para outros, é a causa da nossa infelicidade. Para todos, porém, “globalização” é o destino irremediável do mundo, um processo irreversível; é também um processo que nos afeta a todos na mesma medida e da mesma maneira. Estamos todos sendo “globalizados” — e isso significa basicamente o mesmo para todos. (BAUMAN, 1999, p. 05)

Neste processo de globalização as tecnologias invadem a vida de todos, independente da idade, condição financeira, situação familiar, local onde interagem as pessoas, e as escolas são um meio ambiente onde essas interações se mostram muitas vezes conflitantes, pois, muitos educadores não acompanham a velocidade como as novas informações chegam a seus alunos, como também vários não conseguem usar esses novos recurso como as crianças e jovens o fazem com tanta naturalidade.

Ou aprendemos as lições deste tempo desafiador e fazemos os diferentes e suas culturas entrarem, efetivamente, em nossos currículos e práticas pedagógicas, ou vamos acabar cedendo nosso lugar de educadores críticos e pós-críticos para os acrícos: futebol, publicidade, ruas, gangues, drogas, crime, internet, prostituição infantil, trabalho forçado, filmes da Disney, tele-turma, tele-namoro, tele-sexo...(CORAZZA, 2009, p. 15)

Cria-se o conflito, o estudante aparentemente sabe mais que o professor que não tem experiência com as atuais mídias, e ai o domínio do saber que impunha

respeito, obediência, até temor se esvai, sobrando insegurança e desinteresse. Como lidar com isto, como acompanhar as mudanças diárias que as mídias impõe e ainda cumprir o currículo, os horários, os projetos, o programa político pedagógico?

Atualmente por meio da mídia interativa mundial, acontecem relações doentias como no Jogo da Baleia Azul, resultado do estado de desarmonia psicológica que atinge inúmeros jovens que estão nas escolas sem serem percebidos. A erotização de crianças e jovens se mostra ampliada nos meios de comunicação de massa, em especial na internet. A falta desta percepção tanto pelos pais quanto pela escola é dramática e a presença da Psicologia dentro da escola poderá realizar mudanças favoráveis.

## **2.2 Psicologia, para quê?**

A Psicologia é a ciência da alma, da essência humana, a psiquê. (do gr. *psyché* - alma e *logos* - palavra, razão, discurso). No sentido mais *lato*, a palavra Psicologia designa atualmente o estudo do comportamento humano, das sensações, percepções, emoções, pensamentos. Durante muitos séculos, a Psicologia foi estudada por filósofos, só vindo a tornar-se autônoma como ciência específica no século XIX. (BOCK, 2008)

Estuda profundamente o comportamento humano, em sua totalidade tanto em cada uma de suas particularidades, para isto se foca nos processos intelectuais/cognitivos e emocionais/afetivos enxergando o ser integralmente, mas sabendo contextualizar cada situação e cada pessoa. Esse estudo se desenvolve em conformidade com um modelo científico estabelecido pela ciência moderna, implantada com a transição da filosofia natural da antiguidade para o método científico atual.

A Psicologia, é uma consequência natural dos estudos da Filosofia, que busca explicar os fenômenos do universo e a própria natureza humana. Ao longo de seu desenvolvimento aliou-se as demais ciências sociais, visto que no desenvolvimento da pesquisa científica a psicologia se embasa na fisiologia, biologia, etologia (ciência dos costumes), neurologia, antropologia, sociologia, história, linguística, informática

e muitas outras ligadas aos fatores socioculturais. Da diversidade dos saberes surgiram várias perspectivas e campos de pesquisas psicológicas que correspondem à enorme complexidade do ser humano. Essa diversidade toma forma no modelo biopsicossocial, que serve de base para todo o trabalho psicológico, desde a pesquisa acadêmica até a prática psicoterapêutica. Esse modelo afirma que o comportamento e os processos mentais humanos são gerados e influenciados por fatores biológicos como a predisposição genética e os processos que determinam o desenvolvimento corporal em geral e do sistema nervoso em particular; psicológicos tais como, preferências, expectativas e medos, reações emocionais, processos cognitivos e interpretação das percepções, entre outros, e os socioculturais, como a presença de outras pessoas, expectativas da sociedade e do meio cultural, influência do círculo familiar, de amigos, modelos de papéis sociais, e muito mais (BOCK, 2008).

Desta multidisciplinaridade surgiram também múltiplas abordagens psicológicas como a psicanálise de Freud, a psicologia analítica de C.G. Jung, a cognitiva comportamental de Aran Beck, e a que me alicerça profissionalmente, a Psicologia Positiva de Martim Seligmam.

No mundo moderno, acredito que tenhamos chegado finalmente a uma era na qual terá cada vez mais êxito o pensamento criativo - sim, e até a alegria - do que o seguimento mecânico de ordens. Concluo que, se fosse possível, o bem-estar deveria ser ensinado nas escolas, porque ele seria um antídoto à incidência galopante da depressão, um modo de aumentar a satisfação com a vida e um auxílio a uma melhor aprendizagem e a um pensamento mais criativo. (SELIGMAN, 2011, p. 91)

A Psicologia Positiva é mais nova perspectiva de investigação e intervenção psicológica, promovendo o estudo das condições e processos que contribuem para o florescimento ou funcionamento bem sucedido das pessoas, grupos ou instituições, dando ênfase as experiências positivas embasadas em emoções superiores como a felicidade, esperança, alegria, as características positivas individuais como caráter, forças e virtudes, e as instituições positivas as organizações, sociedades ou ambientes físicos, a todos os títulos saudáveis baseados no sucesso e potencial positivo humano. A Psicologia Positiva há décadas vem crescendo pelo diferencial de não seguir o viés das abordagens que tratam apenas as desarmonias psicológicas e as patologias psíquicas das pessoas, tornou-

se uma área de estudo científico que vai para além, desenvolve estudos e práticas efetivas que culminam na construção da qualidade de vida nas organizações, no indivíduo e no grupo. Este enfoque já vem sendo utilizado em escolas, apresentando bons resultados. (RAMÔA, 2016)

Sendo a escola o melhor local de formação para a vida, é importante que esta formação seja realizada por educadores, que assumam e valorizem a educação como uma dimensão da própria vida, mas que também encarem a aprendizagem dos seus estudantes como uma responsabilidade pessoal, contribuindo para o seu sucesso escolar. Neste sentido, o papel do professor, não deveria ser o de se focar nas dificuldades dos alunos e naquilo que estes ainda não atingiram, o que pode levar à formação de jovens inseguros e incapazes de superar dificuldades, mas sim, o de valorizar os aspetos positivos, estimulando-os continuamente à aquisição de novos conhecimentos através da utilização de instrumentos de ensino capazes de desenvolver além de memória, também valores sociais, amadurecimento não apenas intelectual mas acima de tudo amadurecimento emocional e psicológico, nisto a Psicologia Positiva acrescenta à educação, pois prepara os educadores para a missão de educar, pois estes vivenciarão antes em si o que ensinarão a seus alunos. São forças psíquicas abordadas e desenvolvidas pela Psicologia Positiva, a resiliência, o sentimento de gratidão, a capacidade de perdoar, a esperança, a autoimagem positiva, a construção de um modo de pensar e sentir mais fraterno, solidário, feliz.

Segundo Martin Seligman, esta nova linha da psicologia oferece um olhar sobre o outro lado, ou seja, o que é bom e forte na humanidade e nos nossos ambientes, ensinando formas de cultivar e sustentar essas qualidades. Desvia-se assim da tendência da psicologia clínica tradicional de se concentrar no erro ou na doença, em vez de se concentrar no processo de cura de pessoas perturbadas preocupa-se em promover na pessoa comum a forma mais proveitosa de viver com felicidade, sabendo que felicidade não se ganha, se constrói. A Psicologia Positiva pretende ser uma disciplina científica, rigorosa e baseada na evidência, identificando intervenções que promovam o bem-estar e a qualidade de vida (SELIMAN, 2011).

Existem muitas outras abordagens ou linhas da Psicologia, porém não é objetivo deste trabalho ser um tratado sobre psicologia e sim dar referência sobre a associação entre Psicologia e Educação.

Então, quando dizemos que a(o) Psicóloga(o) quer trabalhar a favor da saúde mental, da formação e da melhoria de condições de trabalho, isso diz respeito ao acolhimento das imprevisibilidades, às tentativas de colocar em análise coletiva o que é produzido no cotidiano da sala de aula, da escola, favorecendo a experimentação de outro tempo menos acelerado, mas talvez mais inventivo, parar dar conta do que não conhecemos, do que suscita problemas porque foge às expectativas e à ordem vigente. (CFP, 2013, p. 41)

Durante a pesquisa foi questionado aos entrevistados sobre o que sabiam e pensavam sobre a psicologia e se conheciam sobre o trabalho desse profissional. Todos responderam saber sobre o trabalho da psicologia e da sua importância, porém também admitem que existe um grande preconceito em relação a busca pelo entendimento psicológico pois ainda impera a visão de que a psicologia “trata de loucos”. Nisto a presença da psicologia no ambiente escolar pode em muito contribuir para mudar essa visão distorcida.

Para isto o psicólogo escolar desenvolve atividades direcionadas com alunos, professores e funcionários e atua em parceria com a coordenação da escola, familiares e profissionais que acompanham os alunos fora do ambiente escolar. A partir de uma visão sistêmica, age em duas frentes: a preventiva e a que requer ajustes ou mudanças. Desta forma, contribui para o desenvolvimento cognitivo, humano e social de toda a comunidade escolar. (CASSIS, 2007, p. 18)

Sem dúvida alguma, a Psicologia tem contribuído com o desenvolvimento da Educação, mesmo não estando ainda em todas as escolas. O estudo profundo da natureza humana, do seu desenvolvimento físico e psíquico, empreendido por inúmeros estudiosos da psicologia, trazem aos educadores subsídios de imenso valor, tanto quanto a sua compreensão do processo de ensinar/aprender, quanto da relação pessoal educador/educando.

O psicólogo suíço C.G. Jung entende que o conhecimento da psicologia mostra com clareza que não se pode enxergar na criança/adolescente a mesma vida psíquica que a do adulto, e enfatiza que não se pode tratar a criança como a um adulto em tamanho menor. Sua natureza própria, em formação precisa ser



respeitada, cabendo ao educador compreender e conhecer esse processo de desenvolvimento cognitivo e psicológico para alcançar os objetivos da educação e formação social. E sendo específico à Educação diz:

A escola é apenas um meio que procura apoiar de modo apropriado o processo de formação da consciência. Sob esse aspecto, cultura é a consciência no grau mais alto possível...Nessa luta pela independência a escola desempenha papel muito importante por ser o primeiro ambiente que a criança encontra fora da família. Os companheiros substituem os irmãos, o professor o pai, e a professora a mãe. É muito importante que o professor esteja consciente desse seu papel. Sua tarefa não consiste apenas em meter na cabeça das crianças, certa quantidade de ensinamentos, mas também em influir sobre as crianças, em favor de sua personalidade total. Essa atuação sobre a personalidade, no mínimo, é tão importante como a atividade docente, se não até mais importante, pelo menos em certos casos. (JUNG 1981 p. 49)

Mas poucos se dedicaram tanto ao estudo da psicologia da aprendizagem quanto L. S. Vygotsky, nenhuma teoria psicológica do desenvolvimento humano confere tanta importância à educação quanto a deste.

A prática profissional como professor de educação especial e psicólogo, a análise criteriosa sobre essas experiências levou Vygotsky a um estudo avançado sobre o papel da aprendizagem no desenvolvimento, ampliando os conhecimentos existentes sobre a inteligência infantil. Destaca que na avaliação da capacidade intelectual da criança o desempenho nos testes é insuficiente por mensurarem apenas o nível de desenvolvimento cognitivo alcançado, nada informando acerca do desenvolvimento iniciado e “não atingido ainda” e que com ajuda podem alcançar—desenvolvimento proximal. Assim o papel da escola é ensinar a aprender, permitir que o aluno trabalhe além do nível de desenvolvimento real, o desenvolvimento já alcançado, mobilizando a zona de desenvolvimento, espaço entre o real e o potencial, o que está próximo de ser atingido, mas precisa de ajuda para alcançar.

Vygotsky nos ensina que a educação não tem nada de externo ao desenvolvimento psicológico do ser. Ivam Ivic estudioso da obra de Vygotsky salienta oportunamente, reproduzindo o pensamento do mestre:

O desenvolvimento da criança não acompanha nunca a aprendizagem escolar, como uma sombra acompanha o objeto que a projeta. Os testes que comprovam os progressos escolares não podem, portanto, refletir o curso real do desenvolvimento da criança. Existe uma dependência recíproca, extremamente complexa e dinâmica, entre o processo de

desenvolvimento e o da aprendizagem, dependência que não pode ser explicada por uma única fórmula especulativa apriorística...Cada matéria escolar tem uma relação própria com o curso do desenvolvimento da criança, relação que muda com a passagem da criança de uma etapa para outra. Isto obriga a re-examinar todo o problema das disciplinas formais, ou seja, o papel e a importância de cada matéria no posterior desenvolvimento psicointelectual geral da criança. ( IVIC, 2010, p.100)

Segundo Vygotsky, então, grande parte da aprendizagem das crianças ocorre pelas relações interpessoais no ambiente escolar, que determina amplamente o que a criança internaliza, de modo que conhecer o modo como ocorre o desenvolvimento psicossocial da criança e do jovem é fundamental para o processo educacional, e não apenas saber instruir.

Encerrando esta parte do trabalho importa que se perceba que a Psicologia é um enorme campo de pesquisa e aplicações. Os resultados das ações subjetivas são incontáveis, independentemente da linha teórica utilizada e desenvolvida durante o processo de formação e na continuidade da vivência após o ciclo formal de aprendizagem.

### **2.3 Psicologia Escolar, o que é isso?**

A Psicologia Escolar é um importante campo de atuação da psicologia aplicada, visto que psicólogos escolares e educacionais são profissionais que atuam em instituições escolares e educativas, bem como dedicam-se ao ensino e à pesquisa na interface Psicologia e Educação (ABRAPEE, 2011).

A Psicologia, como campo autônomo de conhecimentos e de práticas profissionais, entrou em nosso país na década de 1930, a partir de necessidades surgidas nas escolas. A criação dos Serviços de Orientação Infantil, nas Diretorias de Educação do Rio de Janeiro e de São Paulo, então instalados nas escolas normais, tinham a finalidade de atender crianças com dificuldades escolares e sua principal forma de abordagem se dava por meio da adaptação, à língua portuguesa, de testes psicológicos que foram desenvolvidos, originalmente no exterior, para caracterizar o comportamento infantil como normal ou anormal, emitindo-se os tão

valorizados laudos, que serviam e servem até hoje para afastar da escola a responsabilidade pelo fracasso escolar de seus alunos “problemas”.

Ainda hoje basicamente são dois os motivos que levam a escola em busca do auxílio da psicologia: dificuldade de aprendizado e comportamento inadequado do aluno. Mas não é esta a função da Psicologia Escolar!

No conceito do Conselho Federal de Psicologia cabe ao profissional da psicologia dentro da escola, entre outras possibilidades:

Envolver, em sua análise e intervenção, todos os segmentos do sistema educacional que participam do processo de ensino-aprendizagem.... Em conjunto com a equipe, colabora com o corpo docente e técnico na elaboração, implantação, avaliação e reformulação de currículos, de projetos pedagógicos, de políticas educacionais e no desenvolvimento de novos procedimentos educacionais. Analisa as características do indivíduo portador de necessidades especiais para orientar a aplicação de programas especiais de ensino. Realiza seu trabalho em equipe interdisciplinar, integrando seus conhecimentos àqueles dos demais profissionais da educação. (CFP, 2001, p. 9)

Como se vê, a participação de um profissional da psicologia dentro da escola é uma ferramenta valiosa quando se pensa em trabalhar situações constantes na escola, tais como relações interpessoais agressivas, evasão escolar, abuso infantil, o despertar da sexualidade, preconceitos culturais, transtornos cognitivos, bullying, inclusão de alunos com necessidades especiais, entre tantas outras situações que fogem ao conhecimento de professores e gestores.

Mas muitos pensam na psicóloga escolar como alguém que moldará os estudantes as normas institucionais, simplesmente, alguém que os tornará dóceis e disciplinados, ou dará um “laudo” diagnosticando que o estudante não tem aptidões e assim excluindo a escola da possível ideia de ineficiência em sua tarefa.

Conforme o Conselho Federal de Psicologia, por sua resolução nº 021 de 2001, são explicitadas as seguintes atribuições a Psicóloga(o) Escolar:

- a) Aplicar conhecimentos psicológicos na escola, concernentes ao processo ensino-aprendizagem, em análises e intervenções psicopedagógicas; referentes ao desenvolvimento humano, às relações interpessoais e à integração família-comunidade-escola, para promover o desenvolvimento integral do ser;

- b) Analisar as relações entre os diversos segmentos do sistema de ensino e sua repercussão no processo de ensino para auxiliar na elaboração de procedimentos educacionais capazes de atender às necessidades individuais;
- c) Prestar serviços diretos e indiretos aos agentes educacionais, como profissional autônomo, orientando programas de apoio administrativo e educacional;
- d) Desenvolver estudos e analisar as relações homem-ambiente físico, material, social e cultural quanto ao processo ensino-aprendizagem e produtividade educacional;
- e) desenvolver programas visando a qualidade de vida e cuidados indispensáveis às atividades acadêmicas;
- e) Implementar programas para desenvolver habilidades básicas para aquisição de conhecimento e o desenvolvimento humano;
- f) Validar e utilizar instrumentos e testes psicológicos adequados e fidedignos para fornecer subsídios para o replanejamento e formulação do plano escolar, ajustes e orientações à equipe escolar e avaliação da eficiência dos programas educacionais;
- g) Pesquisar dados sobre a realidade da escola em seus múltiplos aspectos, visando desenvolver o conhecimento científico.

Na realidade o foco do trabalho da psicóloga(o) escolar deixa de estar apenas no aluno e em suas características individuais, ampliando-se para toda a instituição escolar e propõe uma atuação deste profissional como agente de mudanças dentro da escola, funcionando como “um elemento catalisador de reflexões, um conscientizador dos papéis representados pelos vários grupos que compõem a instituição” (ANDALÓ, 1984, p. 04).

Assim o objetivo da Psicologia Escolar é ser um esteio para o desenvolvimento global da educação, através de ações com diretores, professores, orientadores, pais e os próprios alunos. Avaliação, diagnóstico, acompanhamento e orientação psicológica dentro de um contexto institucional e não mais exclusivamente voltados ao aluno exclusivamente. Para os casos com necessidade específica de tratamento especializado realiza-se o encaminhamento clínico, externo à escola.

A psicóloga(o) escolar cabe integrar a teia de relação e fazer parte da equipe multiprofissional, que envolve o processo ensino/aprendizagem levando em conta o desenvolvimento global do estudante e da comunidade escolar. Como aponta Ferreira “(...) unir saberes torna-nos mais sábios e produtivos. É preciso descobrir novas perspectivas, dividindo e somando com o outro” (FERREIRA, 2010, p. 60).

O Conselho Regional de Psicologia do Paraná, em 2007 publicou um importante documento a respeito das práticas da Psicologia Escolar, onde além de um estudo histórico e profundo sobre o tema, ainda traz importantes orientações sobre a prática dentro das instituições escolares, tendo como focos de intervenção a escola, os professores, os funcionários, a comunidade e os alunos nos seguintes termos:

#### 1. Nível Administrativo (A Escola como Administração)

- a) Apoio à elaboração do Projeto Político-Pedagógico: interação com equipe pedagógica, definição de concepções político-pedagógicas e participação em processos decisórios;
- b) Elaboração de projetos em conjunto com toda a equipe escolar; Realização de diagnóstico institucional: identificação de particularidades de funcionamento de cada escola para posterior planejamento e implementação de ações, que auxiliem na melhoria e na otimização dos trabalhos pedagógicos e sociais;
- c) Colaboração em atividades organizacionais: participação em processos de seleção de profissionais e intervenção situacional na mediação de conflitos; Proposição de medidas que visem a melhoria da qualidade acadêmica;
- d) Proposição de ações de desenvolvimento profissional para professores e administração; Apoio a iniciativas de qualidade de vida no trabalho (professores e funcionários);
- e) Elaboração, execução e avaliação de projetos que integrem o Projeto Político-Pedagógico de abrangência institucional (de longo alcance) e projetos mais restritos, como: características da população estudantil, direcionamento do trabalho com os pais.

## 2. Corpo Docente

- a) e) Apoio na definição de objetivos educacionais, conteúdos, métodos e material didático;
- b) Apoio à articulação entre teorias de aprendizagem e práticas pedagógicas; Suporte prático ao resgate e reforço da autonomia do professor;
- c) Promoção e/ou coordenação de atividades de desenvolvimento profissional: treinamentos especializados, pesquisas, grupos vivenciais, grupos de troca de experiência e valorização profissional;
- d) Orientação, intervenção e acompanhamento para dificuldades individuais e/ou de grupo (acadêmicas e/ou comportamentais);
- e) Orientação, intervenção e acompanhamento a casos especiais de inclusão;
- f) Trabalhos direcionados ao apoio de iniciativas de qualidade de vida no trabalho: relações interpessoais, motivação, prevenção de stress e Burnout;
- g) Participação e/ou coordenação de reuniões multidisciplinares para discussão de casos (incluindo-se aqui profissionais externos envolvidos com o aluno em questão).

## 3. Corpo Discente

- a) Elaboração, desenvolvimento e acompanhamento de projetos de apoio à construção da identidade pessoal (autoestima, socialização, disciplina, organização, entre outros) e participação social (conscientização de papéis sociais e cidadania responsável);
- b) Identificação e encaminhamento de alunos a atendimentos especializados ao se detectar necessidades específicas;
- c) Coordenação e/ou participação em reuniões para discussão de casos de alunos em acompanhamento profissional externo (fonoaudiólogos, psicólogos, psicopedagogos, etc.);
- d) Elaboração, em conjunto com a equipe pedagógica, de planos de intervenção para alunos em risco;
- e) Acompanhamento e supervisão dos planos de intervenção individual e/ou grupal;

- f) Elaboração, desenvolvimento e acompanhamento de projetos de educação sexual;
- g) Elaboração, desenvolvimento e acompanhamento de projetos de prevenção ao uso de drogas;
- h) Elaboração, desenvolvimento e acompanhamento de projetos de prevenção à violência;
- i) Atendimento a situações de emergência psicológica que necessitem de intervenção imediata, para posterior encaminhamento.

#### 4. Comunidade (Pais e Vizinhos da Escola)

- a) Orientações a pais e familiares;
- b) Palestras e atividades de esclarecimento, educação e prevenção (rendimento acadêmico, desenvolvimento biopsicossocial, limites, relacionamentos, momentos especiais na vida da família, participação dos pais nos diversos momentos de vida de seus filhos e na escola, prevenção ao abuso de substâncias químicas, educação sexual, etc.);
- c) Participação em atividades que auxiliem a escola a cumprir suas finalidades sociais, em especial, na busca do fortalecimento do elo família escola;
- d) Desenvolvimento de propostas/programas que promovam o desenvolvimento de habilidades sociais significativas (convivência com o outro - ser, saber, conviver e relacionar);
- e) Apoio e promoção de atividades que estimulem a criatividade e o desenvolvimento dos potenciais individuais e coletivos;
- f) Esclarecimento para a comunidade quanto ao papel da escola, suas possibilidades e limites.

Como se percebe claramente a tarefa da psicóloga(o) escolar é enorme, exigindo conhecimentos amplos e profundos, assim como atitudes determinadas e determinantes em prol de si mesmo enquanto profissional, quanto dos que lhe confiam a participação na vida da escola.

Diante de tudo isto já exposto resta salientar que para a Psicologia o aprendizado visa ao desenvolvimento cognitivo, intelectual, afetivo, social e ao

aprimoramento do potencial humano, considerando que cada indivíduo tem seu tempo e sua forma para desenvolver todos esses aspectos, pois como diz Ferreira:

(...) a Psicologia, mediante as intervenções psicopedagógicas, muito pode contribuir para o desenvolvimento não só educacional, mas do ser humano como um todo, com suas técnicas e parcerias que se unem a favor do outro. É necessário aceitar que cada sujeito tenha sua construção social, cultural e uma história de vida. O importante é sermos éticos e trabalharmos em função do outro. (FERREIRA, 2010, p.71)

Indo além do espaço físico da escola atuando junto aos pais, familiares ou responsáveis, a(o) psicóloga(o) vai refletir com estes sobre o papel social da escola e da família, assim como sobre as problemáticas que atravessam a vida de pais e filhos, visto que inúmeras dificuldades escolares são o simples reflexo das condições domésticas do estudante. O trabalho coletivo pode facultar novas ideias e ações positivas que contribuam para a qualidade do processo ensino e aprendizagem.

A(o) psicóloga(o), no contexto educativo, ao conhecer as múltiplas determinações da atividade educacional, pode focar mais adequadamente determinadas áreas de intervenção e desenvolver um trabalho envolvendo toda a comunidade escolar - professores, pais, funcionários, estudantes. Qualquer trabalho realizado com um desses segmentos deve ter como princípio a coletividade, visando o bem de todos e todas. (CFP, 2013, p. 54)

Portanto, a finalidade da atuação da(o) psicóloga(o) na escola é pautado no compromisso de trabalhar por uma educação democrática, de qualidade, que garanta os direitos de cidadania a crianças, jovens e profissionais da Educação. Esse comprometimento leva o profissional da psicologia a envolver-se conscientemente e ideologicamente na construção de uma escola participativa, transformando os conflitos nela existentes através da implicação de todos os seus atores, sem discriminações ou preconceitos, trabalhando com a verdadeira natureza humana.

Assim a Psicologia na prática se enquadra plenamente na escola, porém é importante que se veja o psicólogo escolar como um profissional da educação tanto quanto os demais desta área.



### 3. A IMPORTÂNCIA DA PSICOLOGIA NA ESCOLA

O enfoque metodológico da pesquisa é o fenomenológico, visto que segundo Gil (2008) neste “o pesquisador preocupa-se em mostrar e esclarecer o que é apresentado. Não procura explicar mediante leis, nem deduzir com base em princípios, mas considera imediatamente o que está presente na consciência dos sujeitos”, pois que nesta pesquisa os sujeitos participantes foram os pais, alunos, professores e diretores de escolas públicas, de ensino fundamental e médio, zona urbana e rural, localizadas nas cidades de Bagé, Candiota e Hulha Negra, na Região da Campanha/RS. Buscou-se um grupo diversificado de sujeitos da pesquisa, com o propósito de não caracterizar uma única situação do contexto escolar, foram ouvidas em entrevista individual dezoito pessoas no total.

Como técnica de levantamento de dados se utilizou a entrevista individual, semiestruturada, considerando que desta forma se pôde obter as informações necessárias de forma segura e prática, visto que assim os participantes podiam expressar claramente seu entendimento e opinião acerca do tema pesquisado, o que permitiu trabalhar com diferentes realidades vivenciadas.

Para fazer uma avaliação mais criteriosa, se entrevistou mães da rede privada de ensino de Bagé, visto que estas têm a experiência de ter o profissional da psicologia atuando nas escolas em que seus filhos estudam.

Importante salientar que o fato de o foco principal ser um tema de interesse de todos, facilitou em muito a dinâmica da pesquisa.

Ao final da coleta de dados, realizou-se a análise do conteúdo obtido nas entrevistas, que foram gravadas e transcritas, relacionando com o conteúdo do referencial teórico, respondendo à questão da pesquisa com base em seus objetivos. Gil (1991, p. 178) se refere esta etapa salientando que “para interpretar os resultados, o pesquisador precisa ir além da leitura dos dados, com vistas a integrá-los num universo mais amplo em que poderão ter algum sentido”, promovendo relações entre o concreto e o abstrato, o geral e o particular, a teoria e a prática. Porém é importante salientarmos que muito foi dito fora da entrevista gravada, pois as pessoas que dela participaram, voluntariamente, sempre acrescentavam algo depois do gravador desligado, todas tinham complementos importantes que ficaram

gravados em nossa memória, complementos estes que deram mais sentido as suas falas e ampliaram a compreensão desta pesquisadora, dando assim um maior entendimento do pensamento e do contexto de cada participante.

Pela análise de conteúdo foram elencadas três categorias de enfoque: O fazer do profissional de psicologia; Importância do profissional da psicologia na escola e Psicologia Clínica x Psicologia Escolar.

Aos participantes da pesquisa, foram apresentados os objetivos deste estudo, o método de pesquisa e suas condições bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (apêndice B).

### **3.1 O fazer do profissional de psicologia**

Questionados sobre a psicologia aplicada, mães e professores responderam saberem sobre o trabalho da psicologia, clínica, algumas até já realizaram a psicoterapia, entre os alunos entrevistados somente um soube responder a esta questão, pois está em terapia, por indicação da escola. De forma geral este o entendimento apresentado:

“...ela (a psicologia) ajuda as pessoas a se encontrarem, ajuda a pessoa a trazer a tona seus bloqueios, a entender o que acontece na vida dela, ajuda a encontrar o caminho”.

(Mãe de alunas do ensino médio estadual – Hulha Negra)

“Eu entendo que o trabalho da psicóloga nas relações, independente da escola, é muito importante pelo olhar, de observar e detectar que algo diferente está acontecendo, com uma visão diferenciada que norteia o entendimento da pessoa”.

(Professora há 15 anos tanto na rede pública quanto na privada – Candiota)

Houve entre os entrevistados quem admitisse que até conversar com uma psicóloga acreditava que o atendimento psicológico era para quem tivesse alguma “doença mental”, que relutou em aceitar a possibilidade de vir a se beneficiar com a Psicologia, ou mesmo que um filho seu pudesse receber atendimento, até que por orientação médica ou da própria escola acabou por “ir consultar”, a partir daí mudou seu pensamento e passou a aprovar e recomendar tal recurso, desejando que na escola o profissional da psicologia já estivesse atuando.

Neste contexto, verifica-se que a atuação da Psicologia dentro da escola mudaria substancialmente o preconceito existente em relação a saúde psíquica, pois este profissional, no exercício de suas capacidades técnicas teria condições e espaço para esclarecer toda a comunidade escolar sobre os processos terapêuticos, quais seus usos, o que é saúde mental e saúde integral.

Interagindo no contexto escolar a(o) psicóloga(o) na escola tem condições de perceber e encaminhar situações de conflito íntimo ou interpessoal das pessoas que dela participam, mesmo que não atenda clinicamente dentro da escola, esta poderá orientar e encaminhar várias situações vencendo os receios e preconceitos inerentes ao atendimento psicológico, agindo numa ação preventiva.

Somos seres múltiplos com características individuais, cada um de nós sente, pensa e responde de forma própria aos estímulos do meio em que convivemos, assim desde as crianças até o adulto maduro, a Psicologia Escolar em muito tem as condições de compreender o ser humano em suas especificidades e dar-lhe a acolhida e encaminhamento necessário na retomada e manutenção do equilíbrio psíquico.

Cabe a psicóloga(o) escolar a aplicação dos princípios da psicologia da aprendizagem, da motivação, do desenvolvimento e do ajustamento para o estudo do comportamento da criança e do adolescente no seu meio educacional com o objetivo de facilitar a aprendizagem e o desenvolvimento humano através de prevenção, identificação, avaliação e reeducação dos problemas educacionais nos diversos níveis de escolaridade.

### **3.2 Importância do profissional da psicologia na escola**

Por unanimidade as pessoas entrevistadas responderam que, com certeza, sim! Querem a profissional da psicologia na escola, pois enxergam esse profissional como referência como mediador e orientador nos casos de conflitos e desarmonias interpessoais. Se manifestando em termos semelhantes a estes:

“...na escola é essencial, ah meu Deus como precisamos... mas bha! Faço campanha se precisar... Os pais mesmo, na escola Nova Esperança,

(escola rural/Hulha Negra) nos pediram uma palestra de como ajudar o filho na adolescência e isso a psicóloga fazia com mais propriedade, como aconteceu e fez uma baita diferença ...”

(Professora há 35 anos em escola pública municipal – Hulha Negra)

Esta professora foi umas das pessoas que motivaram esta pesquisa, visto que a época da definição do projeto de pesquisa ela exercia a função de diretora de uma escola rural do interior de Hulha Negra, quando nos solicitava inúmeras vezes para prestar serviços a escola, na condição de técnica (psicóloga) do CRAS (Centro de Referência em Assistência Social), já que nem mesmo na Secretaria Municipal de Educação tem um profissional de psicologia atuando.

As demandas apresentadas, pela então diretora, iam desde atender alunos vítimas de abuso sexual, até trabalhar com turmas inteiras e ainda seus pais quanto a questões de bullying, violência entre estudantes, agressividade com professores, desinteresse em estar na escola, sexualidade na adolescência, entre outros. Nestas ocasiões tanto esta professora quanto os pais e demais professores se manifestavam solicitando nossa presença de forma mais constante na escola, o que não se fez, ou se possa fazer possível, visto não ser esta nossa função específica.

Nas diversas atividades realizadas nesta escola sempre todos foram enfáticos em reconhecer a necessidade que se tem de ter um profissional da psicologia atuando constantemente junto a escola. Atualmente esta professora, participante da pesquisa, é a presidente do Conselho Escolar de Hulha Negra e fez questão de sermos indicada pelo CRAS como membro deste Conselho, para que atuássemos como orientadora técnica nas diversas demandas atendidas pelo Conselho de Educação.

Ainda sobre a questão da importância do profissional da psicologia na escola obtivemos respostas assim:

“sim, com certeza, por que muita gente com problemas” mentais”, emocionais, não consegue prestar atenção no conteúdo passado pelo professor, ou não consegue se comunicar, coisas assim, então deveria sim ter um psicólogo pra cuidar disso.

(Estudante, 3º ano do ensino médio – Candiota)

Importante a fala deste estudante sobre sentir necessidade de ter quem oriente sobre temas pertinentes aos jovens, em especial os seus conflitos psicoafetivos, suas mudanças com novas formas de pensar, sentir, agir, que tantas

vezes geram conflitos silenciosos, com os quais os professores e gestores não estão capacitados para atender. Após encerrada a gravação de sua entrevista este jovem manifestou-se como desejoso de atendimento psicológico, visto seus conflitos existenciais, sentindo-se incompreendido tanto em casa quanto na escola, tendo se isolado por timidez sem saber a quem recorrer. Diante da fala deste estudante, com profissionalismo, o encaminhamos ao serviço de atendimento psicológico, oferecido pela Prefeitura de Candiota.

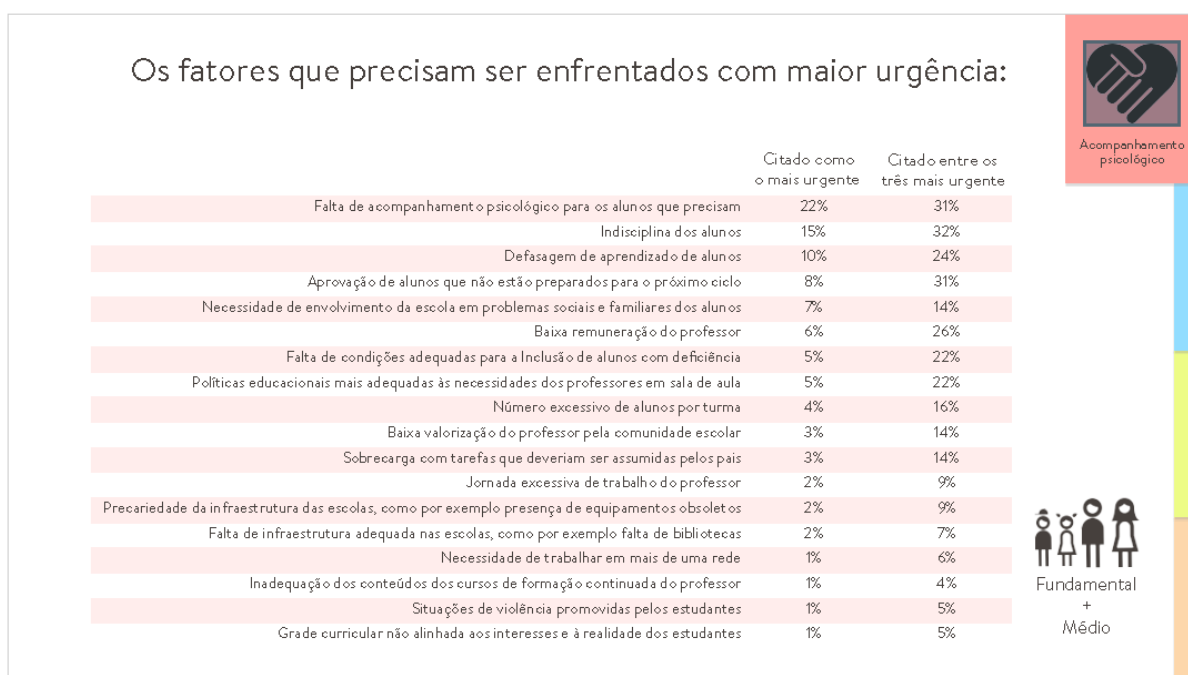
Muitos problemas familiares se manifestam na escola, nas brincadeiras agressivas entre colegas, no desrespeito dos alunos com seus professores, que tantas vezes é apenas uma projeção (mecanismo de defesa do ego), agem assim por que precisam chamar atenção sobre si, num real pedido de socorro inconsciente, esse é um procedimento natural em crianças e jovens que se sentem abusados, violentados física ou afetivamente por familiares ou pessoas próximas, muitas vezes na própria escola. Mas os educadores não são preparados em sua formação acadêmica para atender essa demanda, já a psicóloga(o) tem toda sua formação para entender e manejar estas situações.

Em 2016 foi divulgado o estudo feito pela Fundação Lemann em 2015, com professores do ensino fundamental e médio de todas as regiões do país, sobre temas relacionados à profissão e ao contexto educacional brasileiro, com quatro eixos básicos de pesquisa: Acompanhamento psicológico, Defasagem, Fortalecimento da profissão e Formação continuada.

Conforme apresentado no site oficial da Fundação Lemann é uma instituição não governamental brasileira, filantrópica, que desde 2002 atua no cenário nacional na área da educação, realizando ações voltadas à inovação, gestão e políticas educacionais. Entre suas ações práticas oferece incentivo financeiro para propostas inovadoras na área de educação, programa conhecido como Start-Ed, e também propostas de políticas educacionais, envolvendo pais, professores, estudantes e secretarias de ensino. Além disso, disponibiliza cursos próprios e em parceria com outras instituições, algumas internacionais, para melhorar a formação de educadores.

Segundo o relatório final da pesquisa de 2015 o tema que obteve maior destaque foi o Acompanhamento Psicológico, como principal urgência apontada, conforme quadros a seguir:

Figura 1: Relação geral de urgências



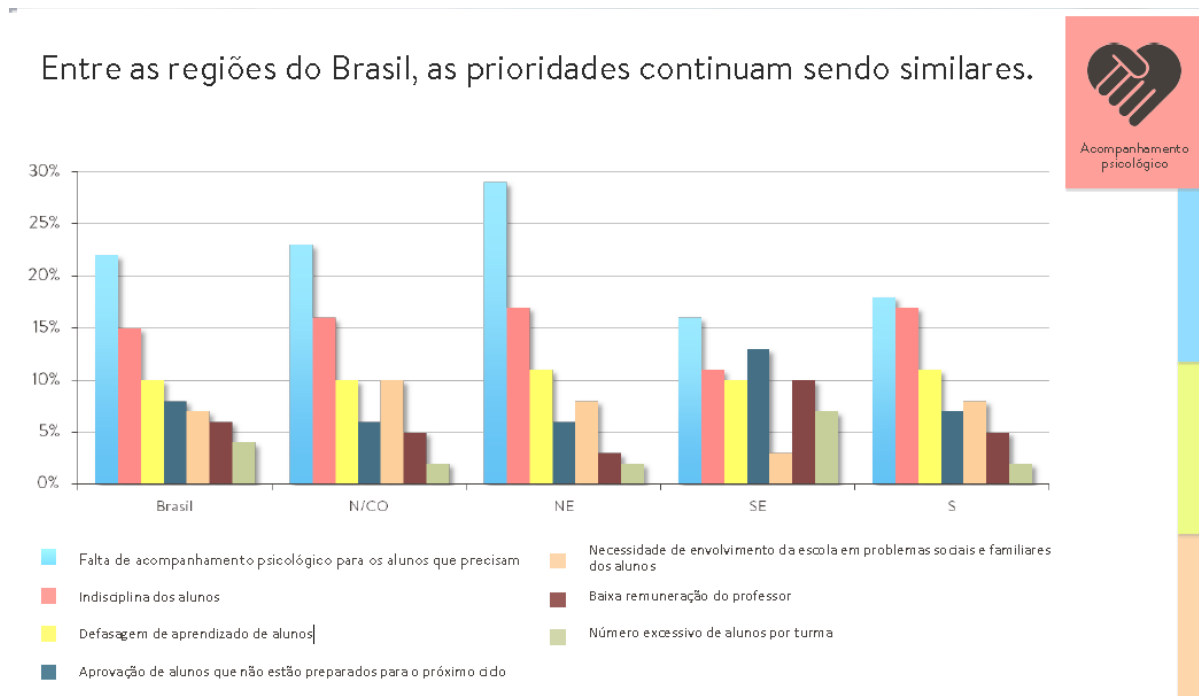
Fonte: Fundação Lemann – Relatório Conselho de Classe 2015

No relatório final da pesquisa está colocado que este resultado repete, com mínimas variáveis os resultados de 2014, pois no ano anterior a pesquisa foi feita apenas com professores do ensino fundamental e em 2015 a pesquisa se estendeu aos do ensino médio.

Estes valores se mostraram semelhantes em todas as regiões do país, sendo menor na região sul, possivelmente por que nos estados desta região a psicologia chega as escolas por outras vias, como ocorre em Hulha Negra, onde o CRAS (Centro de Referência em Assistência Social) e a Saúde (SUS) atendem minimamente as demandas das escolas.

No quadro seguinte se vê mais claramente os resultados por região do Brasil.

Figura 2: Relação geral de urgências por região do país.



Fonte: Fundação Lemann – Relatório Conselho de Classe 2015

Além destes dados bastante conclusivos, ainda 50% dos entrevistados escolheram o psicólogo como profissional que as secretarias de educação deveriam ter em seu quadro técnico para oferecer apoio a escola, 96% que a secretaria da educação deveria oferecer, além de pedagógico, apoio psicológico, atendendo professores e alunos, e 90% que a secretaria deveria dar apoio psicológico também às famílias dos alunos. De forma que nossa pesquisa reforça essa visão.

A seguir o depoimento de uma mãe que tem seu filho em escola particular em Bagé, nesta escola se tem o trabalho de uma psicóloga.

“olha eu acho que assim, o trabalho da psicologia é muito importante e todas as escolas deveriam ter (...) eu já precisei da psicóloga da escola, as crianças têm problemas e nem o professor dentro da sala de aula com mais de vinte alunos tem como enxergar, então é um trabalho importante. O H. meu filho que tem agora 10 anos quando tava na educação infantil precisou e a psicóloga da escola percebeu e me chamou, coisa que eu nem tinha visto, eu estava em processo de divórcio do pai dele, isso fez muita diferença.”

(Mãe de aluno do ensino fundamental, escola particular – Bagé)

Nessa escola, segundo o relato desta mãe, a psicóloga se dedica mais a esse tipo de atividade, cuida mais de atender as demandas dos alunos e mesmo de funcionários da escola, numa visão mais clínica, possivelmente não atuando diretamente nas questões político pedagógicas da escola conforme se espera numa ação multidisciplinar. A maioria das escolas particulares na cidade de Bagé, que é a sede da Região da Campanha, conta com os serviços da psicologia em seu quadro de colaboradores, porém mais na condição de orientação psicológica aos alunos e pais do que como um membro do quadro técnico pedagógico da instituição.

Infelizmente o conhecimento da real prática da Psicologia Escolar esbarra também na dedicação dos profissionais da psicologia que acabam se acomodando ao padrão clínico, embora não realizando psicodiagnóstico nem terapia dentro da escola, limitam-se a detectar “os problemas dos alunos” sem ir mais além buscando uma interferência sistemática no modo da escola ver e trabalhar situações conflitivas. Mas como dito anteriormente, as escolas da rede privada já a muito tempo perceberam a necessidade deste profissional, na intenção de oferecer a seus “clientes” uma melhor qualidade nos serviços de educação que prestam. A competitividade em relação as demais escolas particulares e mesmo com as públicas, motiva que o principal objetivo destas escolas seja oferecer serviços de qualidade. Porém se tem ideia de que nesta qualificação ainda se faz necessário trabalhar pela mudança de entendimentos, dando liberdade e condições da Psicologia Escolar trabalhar efetivamente sobre temas como as diferenças, discriminações, diversidade cultural, liberdade de ser e manifestar-se, aceitar o tempo de aprendizagem de cada aluno, o modo de trabalho de cada professor, nisto tudo a Psicologia na escolar vem contribuir intensamente.

### **3.3 Psicologia Clínica x Psicologia Escolar**

Na prática clínica da psicologia, como dito na introdução deste trabalho, o que se visa é o atendimento individual de quem apresenta algum transtorno psicoafetivo, contextualizando cada caso. A psicologia escolar por sua vez visa a instituição escolar num contexto total.



Nas respostas das pessoas participantes da pesquisa ficou claro que não existe o entendimento da função da Psicologia Escolar, a maioria espera um atendimento ou atenção clínica por parte do profissional. Vejamos algumas das colocações:

“Acho bem importante, que tenha uma psicóloga na escola, porque muitas vezes a crianças precisa e tem que esperar pelo SUS, ou esperar que o pai tenha pra pagar, ai não tem o que fazer e tendo uma psicóloga na escola já atende ali mesmo, acho bem importante...”

(Mãe de aluno no ensino fundamental, escola estadual – Candiota)

“...atendendo os alunos, que conversasse com alunos e professores pra ajudar nos problemas, assim, da sala de aula, seria melhor que ai seria só pra isso.”

(Estudante 3º ano ensino médio – Hulha Negra)

“...bhá o profissional ajudaria conscientizando que o tratamento psicológico não é coisa pra louco,.. ainda mais com os jovens com palestras e consultas individuais com o aluno, vai atendendo conforme for aparecendo a demanda... muitas vezes acontece o problema que o professor não tem a capacitação necessária pra suprir a necessidade da criança, não sabe lidar com o problema, não sabe como resolver.”

(Professor, 10 anos de magistério, escola municipal – Hulha Negra)

É com esta visão que a escola busca e encaminha seus alunos para o atendimento psicológico, em muitos casos com pareceres feito pelos professores para justificar esse encaminhamento, já indicando que a criança ou adolescente apresentam alguma disfunção. Na clínica se verifica que na maioria dos casos a disfunção está nas relações interpessoais da criança ou adolescente, essas relações disfuncionais normalmente incluem o professor e colegas de aula, além claro do foco principal a família. O aluno responde a forma como é tratado e estimulado em sala de aula, como exemplo citamos que muitos apresentam característica de TDAH (Transtorno do Deficit de Atenção e Hiperatividade), mas somente em sala de aula, pois em casa ou no meio social fora da escola comportam-se adequadamente, o que descaracteriza totalmente ser uma patologia. Isso não é de conhecimento de professores e gestores, nem mesmo dos pais, que dessa forma rotulam e discriminam a criança. Já a psicóloga(o) vai desmistificar isto na escola, ajudará o professor e comunidade escolar a conviver e trabalhar de forma positiva com esta criança ou adolescente, assim o contexto na escola tende a promovendo bem-estar e melhora nas relações interpessoais em todos os níveis.

Na psicologia clínica se busca o cerne da desarmonia psíquica da pessoa que procura este atendimento, por métodos próprios da clínica, segundo a abordagem que segue o profissional, se pode utilizar testes psicológicos específicos, anamnese que levanta o histórico pessoal do cliente até se obter um diagnóstico preciso. Na maioria dos casos a pessoa não apresenta nenhum transtorno mental, são situações emocionais e traumáticas que foram mal elaboradas ao longo da vivência e que em determinado momento passa a causar um sofrimento insuportável de ordem emocional, neste momento a Psicologia é de fato o melhor tratamento. A psicologia clínica esta ligada a área da saúde, e se destaca na saúde mental, porém não é para tratar “loucos” é justamente para não enlouquecer, embora de forma geral muitas pessoas têm o preconceito de não buscar o atendimento psicológico com o temor de serem considerados doentes mentais, tal a ideia inadequada que o leigo faz da Psicologia. No entanto, é importante salientar que muitos problemas de ordem emocional não trabalhados na época em que ocorrem e que ficam guardados, inconscientes, podem desencadear transtornos mentais futuros.

Se a escola contasse com a psicóloga(o) escolar, esta trabalharia preventivamente inúmeros conflitos psicoafetivos, trabalharia multidirecionalmente de forma a integrar toda escola nos problemas comuns da comunidade escolar, esclareceria e orientaria em grupo e mesmo individualmente, promovendo a saúde mental já desde a infância, contribuindo em muito com constituição de adultos mais saudáveis que deixariam de precisar tanto de outras especialidades da saúde médica.

Diante do anteriormente exposto entende-se que em termos práticos seja de grande valia a intervenção da psicologia positiva que preconiza que tratar “não é apenas arranjar o que está danificado, é também cuidar de algo ou alguém e fomentar o que temos de melhor” (Seligman, 2000), assim amplificam-se forças, em vez de se corrigirem fraquezas, o que precisa ser um dos principais objetivos da Educação.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho sobre a Importância da Psicologia na Escola percebeu-se a valorização do trabalho da Psicologia no meio educacional pesquisado, porém com expectativas diferentes daquelas a que se propõe a Psicologia Escolar.

A intervenção psicológica na escola tem por objetivo facilitar os processos educacionais através da ação intermediadora, da ação técnica orientadora, sem a prática clínica e da doutrinação comportamentalista. A psicologia considera que existe o trabalho de várias relações mútuas interagindo ao mesmo tempo dentro da escola, enxergando a todos em todos os níveis como humanos em envolvimento e desenvolvimento.

É do compromisso ético de todo profissional da Psicologia, atuar na sociedade e na comunidade onde esteja inserido, com dedicação e intencionalidade proativa, pela transformação social com mais justiça, igualdade e humanização, em especial na área da educação, pois é a Educação a ferramenta mais certa para qualquer transformação social.

Importante constatar que sim, a comunidade escolar quer a Psicologia atuando continuamente dentro da escola. Para isso é indispensável a mudança de pensamentos e atitudes dos gestores públicos, que por enquanto enxergam apenas os gastos financeiros com a contratação de um profissional a mais e não o investimento que seria na Educação ter um profissional capacitado e especializado contribuindo no bem-estar de todos dentro da escola e da comunidade escolar. É certo que o tamanho dos municípios e suas disponibilidades financeiras devem ser levados em conta, compreende-se que talvez neste momento não se torne viável uma psicóloga(o) por escola, como o plenamente desejado, mas que ao menos se tenha um ou mais profissionais dentro das Secretarias Municipais de Educação para dar o suporte que as escolas precisam. Mas para isso acontecer faz-se necessário que a parte interessada mobilize-se para mais este ganho, afinal em termos de mobilização poucos segmentos da sociedade tem a experiência que os educadores possuem em reivindicarem seus interesses.

Foi extremamente gratificante enquanto psicóloga, ter realizado este trabalho, tanto pela afirmação da Psicologia como profissão notoriamente reconhecida, quanto pelo envolvimento com as pessoas que se disponibilizaram tão prontamente participando desta pesquisa.

Nos chama a atenção o quanto precisa e pode ser feito a favor da Educação em seu todo e a cada pessoa envolvida numa escola, em especial nas escolas públicas. A ideia de preparar seres humanos para serem melhores, educá-los verdadeiramente de forma humanizada, dando além de formação acadêmica a formação psicológica, que lhes ensine a pensar, a aprender e dirigir a si mesmo com autorrespeito e autoamor, a saber estender esses sentimentos e atitudes aos demais, isto é muito estimulante. Mas a Psicologia precisa de espaço para atuar.

Por fim concluímos com gratidão pela experiência vivenciada, pelo conhecimento adquirido e pela esperança de ver as mudanças desejadas acontecerem.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem – Conversas com quem gosta de Ensinar. São Paulo: Cortez Editora/Editora Autores Associados, 1980.
- ANDALÓ C. S. A. - O papel do Psicólogo Escolar. Psicologia, Ciência e Profissão - v.4, n.1, p.43-46, Brasília: 1984.
- BAUMAN, Z. - Globalização: as consequências humanas; tradução Marcus Penchel. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- BEYER, H. O - O pioneirismo da escola Flämming na proposta de integração (inclusão) escolar na Alemanha: aspectos pedagógicos decorrentes - ARTIGO: Cadernos EDUCAÇÃO, n. 25, Santa Maria: 2005 - Disponível em: <<http://coralx.ufsm.br/revce/ceesp/index2005.htm> > Acessado em 25 /10/ 2016.
- BOCK, Ana Mercês Bahia. Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia. 14. Ed. São Paulo: Saraiva, 2008
- BRASIL – Projeto de Lei PL 3688/2000 – Câmara dos Deputados Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=20050> - Acessado em 03/08/2016.
- BRASIL – Fundação Lemann – CONSELHO DE CLASSE 2015 – A visão dos professores sobre a educação no Brasil – Disponível em: <http://www.fundacaolemann.org.br/wp-content/uploads/2016/06/Conselho-de-classe-2015.coprocessoado> em 27/04/2017.
- BUENO, José Geraldo Silveira - Crianças com necessidades educativas especiais, política educacional e a formação de professores: generalistas ou especialistas?, 2001. Disponível em: [http://www.educacaoonline.pro.br/index.php?view=article&catid=5%3Aeducacaoespecial&id=67%3Acriancomnecessidadeseducativasespeciais...>](http://www.educacaoonline.pro.br/index.php?view=article&catid=5%3Aeducacaoespecial&id=67%3Acriancomnecessidadeseducativasespeciais...) Acessado em 25/10/ 2016.
- CASSIS, Ana Maria – Manual de psicologia escolar – educacional – Curitiba: Gráfica e Edit. Unificado, 2007.
- CORAZZA, Sandra Mara. A Educação do Século XXI: desafio da diferença pura. ARIÛS: revista de ciências humanas e artes. – v. 1, n. 1 (out/dez. 1979) – v. 15, n. 1 (jan/jun. 2009). – Campina Grande: 2009.
- CFP - Conselho Federal de Psicologia – Resolução nº 02/01. ANEXO I -Definição das especialidades a serem concedidas pelo conselho federal de psicologia, para efeito de concessão e registro do título profissional de especialista em psicologia. 2001. Disponível em <<http://site.cfp.org.br/resolucoes/resolucao-n-2-2001/> > Acessado em 08/03/ 2017.
- CFP - Conselho Federal de Psicologia - Referências Técnicas para a Atuação de Psicólogas(os) na Educação Básica - Brasília, 2013.
- CFP - Conselho Federal de Psicologia - Psicologia Escolar: que fazer é esse? - Brasília, 2016.

CRP/PR - Conselho Regional de Psicologia do Paraná – Série Técnica - Manual de Psicologia Escolar/Educacional – Curitiba, 2007- Disponível em <<http://www.crprr.org.br> >, Acessado em 08/03/2017.

FERREIRA, A. da S.; PACHECO, A. B. Intervenção psicopedagógica numa perspectiva multidisciplinar: trabalhando para o desenvolvimento das potencialidades de estudantes adolescentes. p. 53 à 76. Conselho Federal de Psicologia. Experiências profissionais na construção de processos educativos na escola. Conselho Federal de Psicologia – Brasília: CFP, 2010. 180 p. Disponível em <:[http://site.cfp.org.br/wpcontent/uploads/2010/09/Construcao\\_de\\_processos\\_educativos\\_publicacao.pdf](http://site.cfp.org.br/wpcontent/uploads/2010/09/Construcao_de_processos_educativos_publicacao.pdf)>. Acessado em: 21/10/2016.

FOUCAULT, Michel. Arqueologia do Saber. tradução de Luiz Felipe Baeta Neves -7ª Ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder. In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Trad. Vera Portocarrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17ª Ed. São Paulo: SP: Editora Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo - Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa – São Paulo: Paz e Terra, 1996.25ª Edição.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 1991.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. 6ª Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

IVIC, Ivan. Lev Semionovich Vygotsky / Ivan Ivic; Edgar Pereira Coelho (org.) – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2010.

JUNG, Carl Gustav. O Desenvolvimento da Personalidade. Petrópolis: Vozes, 1981.  
LOURO, Guacira Lopes - Gênero, sexualidade e educação. Guacira Lopes Louro - Uma perspectiva pós-estruturalista /: Petrópolis, RJ - Vozes, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis RJ: Vozes, 2001.

RAMÔA, Maria Manuel Valente Braz Sepúlveda - A PSICOLOGIA POSITIVA APLICADA AO CONTEXTO ESCOLAR – Tese de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico - ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE PAULA FRASSINETTI, 2016 – Disponível em: <<http://repositorio.esepf.pt.pdf>> - Acessado em 10/03/2017.

SELIGMAN, Martin - Florescer: uma nova compreensão sobre a natureza da felicidade e do bem-estar; tradução Cristina Paixão Lopes - Rio de Janeiro: Objetiva, 2011 .

UNESCO - Conferência Mundial de Educação Especial. Declaração de Salamanca. 1994. Disponível em:< <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acessado em 06/04/2017.

## **APÊNDICE A**

### **QUESTÕES PARA ENTREVISTA**

1. O que faz um(a) psicóloga(o)?
2. Qual a importância do trabalho deste profissional?
3. Dentro da escola é importante o trabalho de um(a) psicóloga(o)?

**APÊNDICE B**  
**PESQUISA ACADÊMICA**  
**QUALIFICAÇÃO DOS PARTICIPANTES**

Idade:..... Sexo:..... Ocupação:.....  
 Escola/Localidade:.....

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu.....RG.....estou  
 ciente que participarei de uma pesquisa intitulada “ A IMPORTÂNCIA DA  
 PSICOLOGIA NA ESCOLA”, realizada pela acadêmica do curso de Pós Graduação  
 em Educação e Diversidade Cultural da Universidade Federal do Pampa  
 (UNIPAMPA) Jiances Meris Henzel de Paula, sob a orientação da Professora Dra.  
 Gilnara Costa Corrêa Oliveira. O objetivo do presente estudo é buscar conhecer o  
 que pensa a comunidade escolar da região, a respeito do trabalho do psicólogo  
 escolar. Para este fim, me proponho voluntariamente a participar da mesma, sendo a  
 mim garantido o sigilo de identidade. A participação na pesquisa não implica em  
 nenhum benefício adicional, o provável benefício que terei é a contribuição para a  
 compreensão do fenômeno estudado e para produção de conhecimento científico; e  
 caso eu opte, em qualquer momento, excluir-me da mesma, posso requerer a  
 retirada do consentimento com a pesquisadora sem que isto acarrete prejuízo.  
 Sendo assim, estou de pleno acordo em participar desta pesquisa.

Qualquer esclarecimento pode ser obtido com a pesquisadora pelo telefone  
 (53) 999038099 (Jiances) ou com a orientadora da pesquisa Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Gilnara (53)  
 999766995.

\_\_\_\_\_  
 Participante

\_\_\_\_\_  
 Pesquisadora

Local/data: \_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2017.